



Águas fartas. Do mar que banha a Capital capixaba, além de uma nova fonte de energia, também podem vir água dessalinizada e opções para

Vitória estuda geração de energia das

GABRIEL LORDÉLLO

Ações vão diminuir a dependência da Capital nas áreas de alimentos, água e também eletricidade

RITA BRIDI
rbridi@redegazeta.com.br

■ A Ilha de Vitória, com pequena área territorial, não dispõe de área para a produção de alimentos, não tem mananciais para o fornecimento de água potável e nem instrumentos para a geração de energia elétrica. Em vez de ficar lamentando a falta de potencial do município nessas questões estratégicas para quem planeja o desenvolvimento sustentável da cidade, a administração municipal optou por buscar alternativas para suprir essas deficiências, por exemplo, a geração de energia vinda das marés.

E a solução pode vir dos pesquisadores que estão sendo convidados a desenvolver pesquisas e estudos com propos-

tas alternativas para tornar a Capital do Espírito Santo, se não autossuficiente, menos dependente nestes três itens.

A Companhia de Desenvolvimento de Vitória (CDV), por meio do edital Facitec 05/2010, lançado recentemente, pretende atrair os pesquisadores que desenvolverão os projetos, explica o presidente da instituição, Sílvio Roberto Ramos. A remuneração pelas pesquisas varia de R\$ 50 mil a R\$ 100 mil.

“Estamos apontando para um futuro em que é preciso reduzir nossa dependência em três áreas básicas: alimento, água e energia”, explica Ramos. Com o edital que contempla uma pesquisa na área de zoneamento econômico-ecológico da baía de Vitória e duas pesquisas na área de energia – outras áreas também são contempladas – a expectativa é encontrar soluções alternativas para as demandas da cidade.

Com as duas pesquisas na área de energia, a CDV pretende

que a Capital reduza sua dependência na geração de energia. Na avaliação de Ramos é possível que a pesquisa aponte a construção de algum protótipo para a geração de energia diretamente do mar, a partir do movimento das marés. “Estamos conversando com pesquisadores e acreditamos que a nossa região tem potencial para isso”, destacou.

Uma das pesquisas deverá apresentar propostas para a dessalinização da água e, dessa forma, reduzir a dependência da cidade nessa questão. “Sabemos que isso tem um custo muito elevado e hoje pode ser inviável, mas lá na frente poderemos precisar dessa tecnologia e poderemos fazer uso dela”, destaca.

Já a pesquisa de na área de zoneamento econômico-ecológico da baía de Vitória pode apontar opções de alimento, seja com o pescado ou com a criação de peixes e mariscos em área próxima da Capital. Segundo o presidente da CDV o maior berço

Para os pesquisadores

COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO DE VITÓRIA

INFORMAÇÕES: SECRETARIA EXECUTIVA DO CONSELHO MUNICIPAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO MUNICÍPIO DE VITÓRIA (CMCT).

E-MAIL: FACITEC@CDVITORIA.COM.BR

TELEFONE: (27) 3183.9530

de atum das Américas está no mar, em frente à Vitória. “E isso é um ativo econômico e poderá contribuir para a diversidade dos alimentos”, explica.

Outra alternativa é a possibilidade da criação de mariscos, como já ocorre em outras regiões do país e do Estado. O que é preciso, salienta, é encontrar uma alternativa para Vitória. O estudo vai apontar qual a potencialidade do mar próximo a Vitória para a produção de alimentos e que tipo de alimento.



ONDAS DE SUSTENTABILIDADE. Busca dos pesquisadores é por alternativas no mar capixaba que consigam suprir as demandas da cidade

nova fonte de energia, também podem vir água dessalinizada e opções para a diversificação de alimentos, como a criação de peixes e mariscos

Produção de energia das marés

GABRIEL LORDÉLLO

Na Serra: Escelsa inaugura centro de operação

■ O Grupo EDP no Brasil, empresa do Grupo EDP Energias de Portugal, inaugurou ontem o Centro de Operação da Geração (COG) na Serra, no Espírito Santo. Desenvolvido com tecnologia avançada, o COG centralizará o comando e controle das operações de 14 usinas hidrelétricas de médio e pequeno porte da Companhia em atividade nos estados do Mato Grosso do Sul e no Espírito Santo. Juntas as usinas somam 199,30 megawatts de potência instalada. No Estado sul-matogrossense, as usinas são Mimoso, Coxim, Costa Rica, Paraíso, São João I, São João II. Já no estado capixaba, os empreendimentos são Suíça, Rio Bonito, Santa Fé, São João, Jucu, Fruteiras, Alegre e Viçosa.



Bons ventos em Santa Teresa

■ Executivos italianos do Grupo API, um dos maiores produtores de energia da Europa, passaram a semana na região de Santa Teresa e São Roque na busca de áreas para a instalação de aerogeradores, equipamentos que aproveitam a energia dos ventos - eólica - e a converte em energia elétrica.

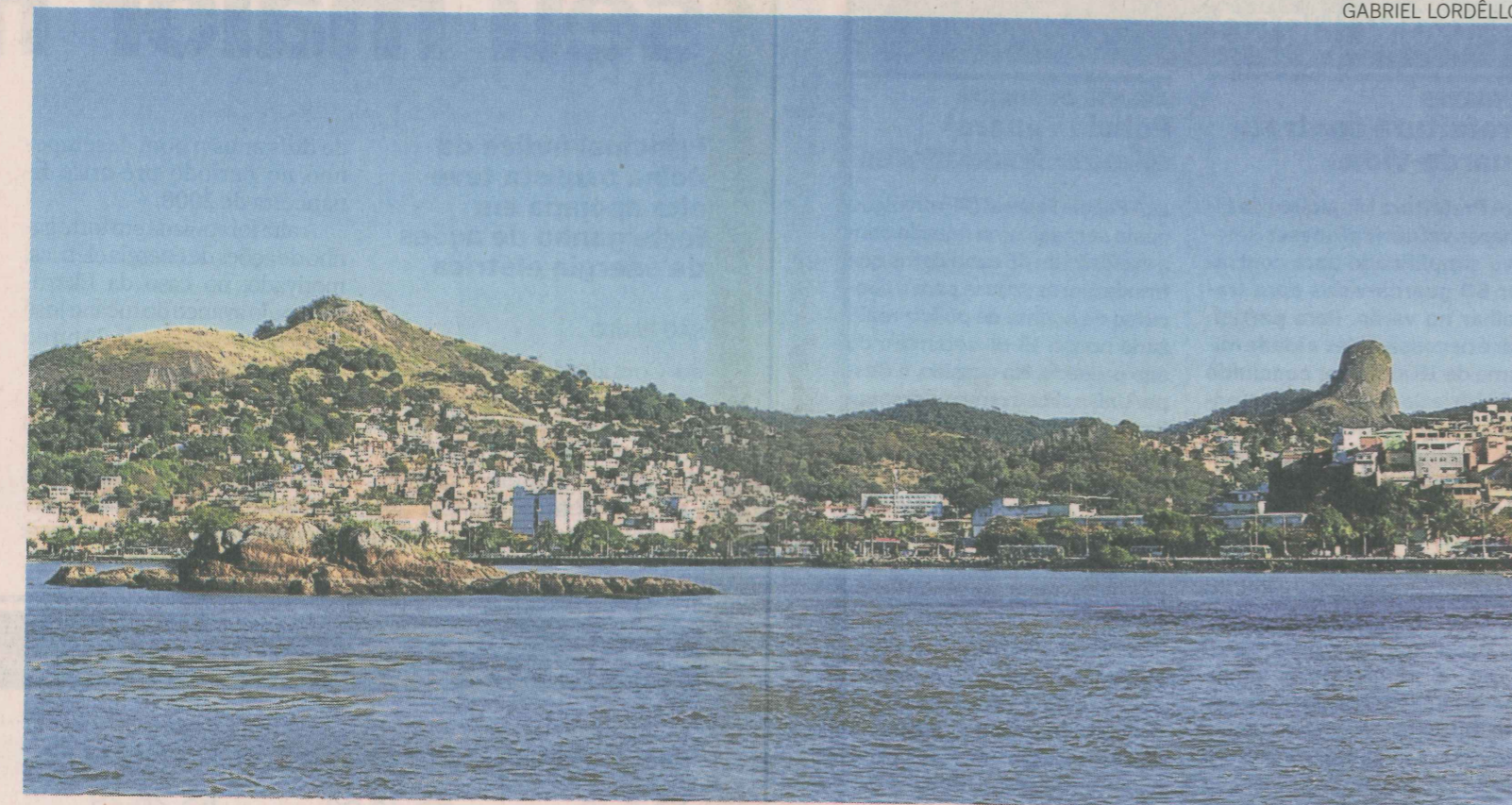
“Queremos aproveitar as

áreas dos produtores de pinhão-manso, nossos parceiros aqui no Estado, para gerarmos também energia eólica”, explicou o gerente de novos negócios da API, Alessandro Berti.

Segundo ele, essa foi uma primeira avaliação da região. Em dois meses os italianos voltam com a avaliação dos dados colhidos durante a semana. “Queremos participar

dos leilões e fazer produção independente de energia. Creio que em mais dois anos é possível estar gerando energia eólica no Estado”.

A API é dona da Nôvabra, que se instalou em Colatina para a produção de biodiesel a partir de pinhão-manso. Já são vários os produtores do Norte e Noroeste que têm a Nôvabra como parceira.



ONDAS DE SUSTENTABILIDADE. Busca dos pesquisadores é por alternativas no mar capixaba que consigam suprir as demandas da cidade